

MUDANÇAS NO URBANO DE BALSAS (MA) DECORRENTES DA AGRICULTURA MODERNA

Maria da Glória Rocha Ferreira¹

Resumo

O trabalho pretende analisar as mudanças sócio-espaciais no município de Balsas-MA, decorrentes da introdução de novos elementos culturais, inseridos a partir da instalação da agricultura moderna. Dessa forma, a pesquisa empírica (trabalho de campo) realiza-se na área do município de Balsas, envolvendo os segmentos da população classificados como população “tradicional” (composta pelos habitantes anteriores à chegada da soja), e a população migrante (formada pelas pessoas instaladas na área após a inserção da soja). A bibliografia teórica sobre os conceitos chave que fundamentam o trabalho, se apoia no referencial que contempla, prioritariamente, os autores e respectivas temáticas como: espaço, relações sociais, territorialidade, identidade, cultura, bem como os conceitos complementares como: globalização, papel do Estado e fronteira. O enfoque analítico sobre o município de Balsas deu-se por entender que este representa o marco inicial do processo de produção da soja e que, conseqüentemente, apresenta maiores singularidades em termos de transformações sócio-espaciais e culturais, dada a sua função dentro do processo produtivo regional. Os resultados parciais obtidos através de entrevistas realizadas com os atores selecionados e observações “in loco” dos pesquisadores, revelam dentre outros aspectos, que uma das mudanças mais significativas, que se refletem no plano físico é a da (re)configuração sócio-espacial da zona urbana do município de Balsas no período de 1990 a 2010. Nesse contexto, o deslocamento do centro comercial e administrativo localizado, anteriormente, na área antiga da cidade, para a que se expandiu, figura como uma modificação espacial mais reconhecida tanto pela população “tradicional” como dos imigrantes. Referente às mudanças sócio-culturais observadas destacam-se aquelas relacionadas aos hábitos de alimentação, vestuário, lazer, dentre outros, da população local.

Palavras chave: Cultura. Imigração. Espaço Urbano.

¹ Prof^a. Dr^a, do Departamento de Geociências da Universidade Federal do Maranhão – Brazil. E-mail: mgloriaferreira@yahoo.com.br

Introdução

Percebe-se que o domínio das relações capitalistas após ter se instalado no fazer do mundo urbano, levando consigo o poder das transformações sócio-espaciais, na atualidade inclui o mundo rural, inserindo-o na dinâmica da forma de produção capitalista global, tendo sua área permanentemente expandida através do incremento das modernas técnicas agrícolas.

Portanto, a aplicação de capital em áreas diferenciadas que apresentem condições favoráveis de investimento são selecionadas e equipadas para tal, sendo dessa forma incluídas no ciclo produtivo, buscando a incorporação de novas áreas, num processo de ampliação/incorporação de novas fronteiras, como ocorreu no cerrado brasileiro, com a inserção da agricultura moderna, representada, preponderantemente, pelo cultivo da soja, a exemplo do sul maranhense.

O estado do Maranhão, que é caracterizado historicamente por sua forte tendência agrícola, também se caracteriza por um baixo padrão nessa atividade, em virtude, principalmente, da negligência dos seus representantes políticos, nas várias esferas de poder, onde são quase inexistentes políticas públicas voltadas para o segmento formado por pequenos produtores agrícolas, visando a melhoria desse desempenho. Com a inserção da agricultura comercial no sul do estado, essa realidade é modificada, quando significativos recursos, bem como programas do governo são direcionados àquela área, tendo como finalidade maior estimular a instalação de grandes produtores, preferencialmente com experiência na agricultura moderna, para investirem na área.

Nesse contexto, considerando-se o ritmo da expansão da soja nas diferentes direções do cerrado brasileiro a sua chegada no sul maranhense, no qual vai encontrar condições favoráveis para a sua instalação e conseqüente ampliação pode ser considerada como uma nova fronteira da agricultura capitalista, naquela direção.

No âmbito da presente temática é importante refletir sobre a fronteira numa dimensão que se caracteriza por uma “apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, afetiva” (HAESBAERT, 1997, p. 41) dos grupos sociais com seus espaços.

Nesse sentido, continua o autor, “se a fronteira indica ao mesmo tempo o fechamento e a extroversão, a classificação proporcionada por recortes espaciais, pode

reforçar legitimar ou dar forma a identidades territoriais específicas”. Esse entendimento pode ser aplicado ao caso específico da população residente no sul maranhense, que possuía suas características próprias, produzidas e acumuladas ao longo do tempo, as quais descreviam sua identidade cultural, e que, com a chegada da agricultura comercial, que trouxe agregada aos contingentes de grandes e médios produtores, seus familiares, prestadores de serviços, trabalhadores de todos os níveis, dentre outros, que por sua vez são portadores de identidades territoriais igualmente específicas, vai promover um acirramento entre as duas partes.

Pretende-se, portanto no presente trabalho analisar as mudanças na organização sócio-espacial no município de Balsas, decorrentes da introdução de novos elementos culturais, inseridos a partir da instalação da agricultura moderna.

Refletindo sobre mudanças culturais

À proporção que o campo se moderniza, criam-se novas formas de consumo produtivo, em especial pela incorporação de ciência e informação às áreas rurais. Decorre desse fato, o aumento das necessidades de máquinas, complementos, insumos materiais e intelectuais, que atenderão à produção, ao crédito, à administração pública e privada. As alterações do urbano acabam não se limitando apenas ao comércio, crédito e consultorias, uma vez que o crescimento das funções técnicas e administrativas das empresas rurais agroindustriais cria a demanda de empregos preenchidos por profissionais de vivência urbana. Além dessa demanda de um consumo voltado ao processo produtivo, a produção de soja é geradora de grandes rendas, geralmente concentradas nas mãos de produtores, prestadores de serviços e mão-de-obra especializada, e tais atores irão demandar um consumo de artigos e serviços de alto valor. (FREIRE FILHO, 2006, p. 57 e 62).

Dessa forma, as atividades agrícolas modernas têm o poder de comando da vida econômica e social das cidades e do sistema urbano, tendo como repercussão a organização das cidades conforme a sua área rural, na medida em que cada tipo de produto cultivado possui necessidades específicas em momentos determinados. Portanto, a modernização tecnológica vinculada à produção agrícola, geradora de inúmeras novas demandas, teve forte impacto no espaço geográfico, acelerando a

urbanização, como meio mais eficaz para satisfazer suas necessidades de produtos e serviços especializados (ELIAS, 2003).

A partir dessa perspectiva enfocada pelos autores, a cidade de Balsas coaduna-se como exemplificação, na medida em que seu urbano se transformou em base de sustentação das atividades produtivas ligadas à agricultura moderna, abarcando toda a área produtora de soja, tanto inter como extra regional do território maranhense, expandindo-se sua área de influência aos estados circunvizinhos produtores de soja, que compõem a região denominada no local de MAPITO (Maranhão, Piauí e Tocantins), contando com uma infra-estrutura satisfatória de serviços especializados necessários à efetivação das atividades ligadas à agricultura moderna ali instaladas, bem como, agregando o maior volume de área cultivada, produção e produtividade, o que trouxe como consequência a reorganização sócio-espacial de toda a sua área urbana, além dos efeitos provocados pelo “inchamento” populacional ocasionado pela sua transformação em pólo regional receptor de população.

Esse dinamismo de demandas potencializadas pelos instrumentos produtivos gera, como consequência lógica desse processo, alterações no modo de interagir com o entorno dos moradores tradicionais e que em última instância, refletir-se-ão nas suas formas de perceber situações específicas, assim também como irão imprimir alterações dessa natureza junto ao contingente de imigrantes que se estabelecem na área.

Referido processo de confronto das diferenças culturais, denominado por Bhabha (2007) de “embate cultural”, que se manifesta através de antagonismos ou afiliações, não deve ser lido apressadamente como reflexo de traços culturais preestabelecidos, escritos na lápide fixa da tradição, complementando esse entendimento destaca que:

A articulação social da diferença, da perspectiva da maioria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. [...] O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição (BHABHA, 2007, p. 21).

A propósito da fronteira do cultural, aqui focado, o autor em referência ainda acrescenta que "o trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com o "novo" que não seja parte do continuum de passado e presente", que segundo a sua concepção, esse processo cria uma idéia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Assim, o encontro das diferenças culturais, efetivar-se-ia de forma a gerar situações matizadas ou mescladas, pois gestadas a partir dos embates culturais entre grupos sociais, os quais produzirão novos formatos culturais que tenderão a se moldar e/ou ajustar, uns aos outros, com o passar do tempo.

No que se refere ao percebido na área de estudo, voltado para as diferenças culturais entre a população tradicional local e a população migrante, poderia ser classificada como de aproximação com o que concebe o autor, visto que, apesar do aumento da desigualdade sócio econômica evidenciada com a chegada dos agentes do capital na área, as diferenças iniciais mais fortemente observadas como, por exemplo, hábitos alimentares indicados por grande percentual dos entrevistados, de ambas as partes, após os anos de convívio, aparenta uma absorção através da incorporação de pratos e iguarias características através, principalmente, de locais como restaurantes que tentam oferecer cardápios que satisfaçam as exigências tanto dos moradores tradicionais, como dos "gaúchos" residentes no local, como pode ser percebido através da fala de uma paranaense radicada em Balsas, atuante na área gastronômica "para termos a boa aceitação que temos hoje, tivemos que fazer adaptações de pratos"².

Ainda relacionado ao enfoque anterior, é importante mencionar, pelo menos dois outros restaurantes da cidade que seus proprietários são do próprio local, e que igualmente possuem clientela formada por segmentos variados da sociedade, apesar de trabalharem com cardápios regionalizados, como são os casos dos restaurantes Toca do Preá e Restaurante Costinha, ambos com dezoito anos de funcionamento.

Analisando um outro ângulo dessa discussão sobre diferenças sócio-culturais, Martins (1996) contribui acrescentando a perspectiva de situações advindas da inserção de atividades capitalistas em áreas de ocupação tradicional, como o ocorrente no sul maranhense, quando aborda o usual conflituoso processo de integração sócio-cultural

² Informação prestada pela proprietária do Restaurante Princesa, da cidade de Balsas, figurando como um dos pontos mais conceituados da gastronomia local, em 27.08.2010.

entre os grupos sociais tradicionais das áreas ocupadas pelos grandes proprietários que se instalam nas áreas de fronteiras:

O encontro de relações sociais, mentalidades, orientações historicamente descompassadas, introduz a mediação das relações mais desenvolvidas e poderosas na definição do sentido das relações mais “atrasadas” e frágeis, ou melhor, das relações diferentes, com outras datas e outros tempos históricos. A mediação das relações mais desenvolvidas faz com que a *diferença* apareça como *atraso*. As relações mais avançadas, mais caracteristicamente capitalistas, por exemplo, não corrompem nem destroem necessariamente as relações que carregam consigo a legitimidade de outras épocas. Portanto, nesses casos, a diferença não tem sentido como passado, mas como contradição e nela como um dos componentes do possível, o possível histórico de uma sociedade diversificada, que ganha uma unidade na coexistência das diferenças sociais e étnicas. (MARTINS, 1996, p. 45 grifo do autor)

Convém ressaltar que o aspecto destacado pelo autor, caracterizado quase sempre como de “superioridade” dos grupos sociais capitalistas, frente à sociedade tradicional, nos ambiente de fronteira agrícola, remete à identificação de situações análogas observadas na área de estudo, relativo a posturas sócio-culturais de alguns dos novos agentes do capital, no que diz respeito à população local. Referida situação pode ser exemplificada, na área de estudo, quando da criação do Centro de Tradições Gauchas – CTG, que nos anos iniciais dos imigrantes em Balsas, teve a realização das suas atividades sócio-culturais de forma fechada, portanto, de isolamento da população tradicional, sendo interpretado por esta como a necessidade de manter, um relativo distanciamento, por força da detenção do capital por parte daqueles, como o destacado pela funcionária do município de Balsas “no início o CTG era muito fechado, realizava suas atividades sem envolver os moradores tradicionais do município”³.

³ Informação prestada pela professora Edilza Virgínea, funcionária da Secretaria de Cultura do município de Balsas, em 26.08.2010.

Destaca-se entretanto, que segundo depoimentos de grande parte dos entrevistados, os mesmos reconhecem que após as dificuldades iniciais de convivência, delineiam-se possibilidades de superação das diferenças culturais de ambas as partes. Atualmente são percebidas sinalizações de abertura através de atitudes voltadas para uma maior aceitação de ambos para questões relacionadas às situações que se caracterizaria como de aproximação cultural. Nesse sentido, podendo-se indicar como um aspecto dessa quebra de barreira simbólica entre as pessoas, como o destacado pela fonte indicada anteriormente “uma das coisas que é predominante hoje aqui na região, por exemplo, o churrasco que é cultura do gaúcho aqui chegou forte, pois até os balsenses já estão com hábito dos finais de semana fazer o churrasco”.

A respeito da possibilidade que as pessoas têm de fazerem contatos múltiplos e que estes podem oferecer estratégias culturais aos indivíduos, Claval (1999, p. 105) alerta “o problema encontrado pela maioria das pessoas que vivem em proximidade vem do fato de não dominarem os códigos e as convenções dos grupos aos quais não pertencem; uma parte do que gostariam de transmitir não é compreendida; são penalizados e surpreendidos e dificilmente controlam os movimentos de impaciência”. O autor enfatiza ainda que “o desenraizamento libera ao permitir comparações. [...] as situações de contato cultural abre uma via aos questionamentos. Fazendo descobrir outros códigos e outros sistemas de regras, convidam ao questionamento das bases do universo no qual se vive”.

Essa idéia do autor, acima citado, pode ser constatada através do relato da funcionária da Secretaria de Cultura do Município anteriormente referida: “o CTG há alguns anos (de 3 a 4) aceita alunos balsenses para participar de oficinas sobre suas danças folclóricas, inclusive tem garotos balsenses que já dançam por lá. Quer dizer, no início tava separado, depois teve essa questão da aproximação. Na semana do folclore, também nós os convidamos para dançar junto conosco, porque o folclore é uma manifestação universal, então teria que ter a participação de todos, para que não tivesse aquela distância entre a cultura do imigrante e a acultura do balsense”.

Pela abordagem empírica sobre a área de pesquisa, respaldada no referencial teórico aqui contemplado, é possível perceber o complexo imbricamento de situações forjadas no âmbito das relações sócio-culturais que se desenvolvem nos ambientes de

contato de culturas diferentes como o constatado na cidade de Balsas, entre a população local e a população imigrante.

Nesse sentido, cabe destacar que conforme a visão dos autores trabalhados depreende-se que as diferenças culturais não devem ser encaradas como situações permanentemente problemáticas e de desencontros, mas que, pelo contrário, devem ser percebidas numa perspectiva de ampliação de possibilidades de descobertas de pontos de identificações que terminarão por encontrar elementos de equilíbrios. Nesse propósito, tem-se o sugerido por Claval (1999, p. 107) “A cultura não é uma realidade de essência superior e que ficaria congelada fora dos golpes da história. Ela muda mesmo quando as populações que a ela pertencem acreditam que esteja congelada”.

Reconfiguração espacial urbana

Dentro do contexto aqui abordado é interessante refletir sobre os desdobramentos advindos da posição de liderança assumida pela cidade de Balsas na organização do território, na última década que é potencializada pelo esvaziamento de população, produtos e serviços, tradicionais ou modernos, ocorrente nas outras cidades-sedes dos municípios que compõem aquela área produtiva, repassando para aquela cidade a incumbência dessa oferta.

Dessa forma, a dimensão de atendimento requerida pelo setor produtivo agrícola levou, concomitantemente ao aparelhamento, em termos de bens e serviços, daquela cidade, através de construções ou adaptações de infra estruturas voltadas, também, para o atendimento da população imigrante atraída para a região, em decorrência do novo perfil urbano de Balsas, imposto pelas atividades agrícolas modernas, gerando, dessa forma, um espaço de fluidez compatível aos centros urbanos de porte médio.

Convém observar que a dinamização da fronteira agrícola dessa área, através da sua integração à economia global por meio da atividade agrícola mecanizada, a qual incorpora o território antes utilizado em atividades econômicas diversas, leva a um redimensionamento do seu formato espacial anterior. Referido dinamismo, inerente à atual fronteira capitalista, segundo Ferreira (2008, p. 146) “vai interferir de forma decisiva no uso e ocupação do solo urbano, para dar lugar aos mecanismos que terão destacadas funções nas atividades capitalistas ora instaladas”. Por outro lado, o processo

de ocupação desse território, pelos segmentos formados pelos imigrantes vai gerar desagregações sócio-espaciais e culturais no urbano de Balsas.

Assim, aquelas necessidades geradas a partir das atividades ligadas ao negócio da soja vão imprimir novos desenhos espaciais através do redimensionamento de antigos marcos que caracterizavam o urbano ao longo do tempo como foi o deslocamento do centro administrativo e comercial da área antiga da cidade para uma nova, antes tida como limite do considerado como centro. Referido reordenamento espacial privilegiou a localização das instituições financeiras, e todo o conjunto de órgãos e setores das esferas municipal, estadual e federal, visando atender as demandas ensejadas a partir da agricultura capitalista.

Dentro desse contexto, as conseqüências das modificações operadas na organização do território são visualizadas através dos rearranjos das estruturas administrativo-financeiras, como o enfocado anteriormente, que só serão compreendidas através das linhas explicativas que convergem para a concepção de território, como a de Haesbaert (1997) segundo o qual:

O território envolve sempre, ao mesmo tempo, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de “controle simbólico” sobre o espaço onde vivem (sendo também, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos (HAESBAERT, 1997, p. 42).

O autor em referência ainda acrescenta com referência às situações que se caracterizam como de territorialidade de grupos que se instalam em áreas já demarcadas culturalmente “produz-se uma nova territorialidade, marcada pelo conflito de atributos históricos – entre os que chegam e os que já estavam – e o conflito entre duas formas de operar, sentir e viver a mesma fração do espaço” (HAESBAERT, 1997, p. 12).

Sobre essa situação, Carlos (1996, p. 20) acrescenta a dimensão da história que se realiza na prática cotidiana, dando destaque para o lugar, e nos diz que “significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em

função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é o que vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição do mundial”, como o observado e já destacado sobre a área de estudo.

É importante mencionar que no processo de estabelecimento, naquela região do estado, dos imigrantes portadores das novas técnicas agrícolas, atraídos pelas facilidades disponibilizadas pelo governo, nas suas várias esferas e setores, os mesmos adquiriram imóveis ou os construíram nas melhores áreas, do espaço urbano, o que deu uma feição diferenciada do território, se comparada à anterior da chegada da soja.

Relativo à tendência de concentração dos imigrantes diretamente envolvidos nas atividades da agricultura capitalista, em áreas específicas do espaço urbano, gerou a formação de novos bairros que guardam características do padrão sócio-econômico dos seus moradores. Exemplifica bem essa situação, a ampliação do antigo bairro Cajueiro, que sediava as residências dos moradores que possuíam situação sócio-econômica diferenciada dos demais, e que atualmente teve sua área redimensionada e considerada “nobre”, por agregar o segmento ligado à agricultura empresarial e profissionais liberais, bem como, dado o padrão dos seus imóveis.

Cabe lembrar que esse aspecto do urbano possui um reflexo mais imediato no cotidiano da população, na medida em que valoriza determinados espaços, impedindo o acesso aos mesmos dos cidadãos comuns sem um padrão financeiro compatível ao requerido para essas áreas, dado o alto valor de mercado dos imóveis e dos serviços a eles vinculados. Na cidade de Balsas essa é a realidade vivida pela população na atualidade, com áreas valorizadas, dentro do mercado imobiliário, como pode ser observado no depoimento de um profissional daquela área “Cajueiro é o bairro residencial mais caro. O valor do metro quadrado na avenida Catulo (via de maior concentração de empreendimentos) atualmente é de R\$ 772,00”⁴

Opostamente existem outros bairros, com deficiência de infra-estrutura urbana, onde se encontram os segmentos mais empobrecidos da população como os bairros CDI, Jardim Primavera, Flora Rica dentre outros que se localizam na área periférica da

⁴Proprietário da imobiliária, reconhecida na cidade, com de maior volume de trabalho, na região de Balsas.

cidade de Balsas, onde residem os trabalhadores deslocados pelo movimento migratório campo-cidade, bem como aqueles de outros municípios e de outros estados do nordeste.

A reconfiguração do território empreendida pela nova espacialização dos serviços e dos locais de moradia promoveu um crescimento urbano desigual, protagonizado pela agricultura capitalista, o qual apresenta o fortalecimento entre as várias outras desigualdades, aquela referente ao acesso aos serviços e equipamentos urbanos, aproximando esses locais de habitação, do quadro de carências acentuadas vivenciadas pelas comunidades residentes em favelas nos médios e grandes centros urbanos do país, que se traduzem em deficientes condições de habitabilidade. Sobre essa situação, Máximo (2006) destaca que:

O desenvolvimento territorial apresentado nas regiões onde ocorre a dinamização da economia tem acentuado o quadro de disparidades sócio-espaciais, e tem trazido uma série de problemas de organização do território, principalmente pela convergência de vultosa soma de investimentos e uma população associada a tais recursos. Isto transforma os municípios em espaços de desordem territorial atrelada à maneira como a urbanização tem se apresentado nessas cidades, onde se tornam manifestos de forma cada vez mais evidente problemas característicos dos maiores centros urbanos, e intensificam-se os já existentes e específicos das cidades interioranas. Expõem-se os conflitos de uso e ocupação do território, as carências na mobilidade e transportes e a crescente desigualdade no acesso aos serviços públicos e às redes de infraestrutura (MÁXIMO, 2006, p.400).

Referida concepção sobre os desdobramentos sócio-econômicos e espaciais que atingem as áreas que se encontram inseridas no processo de reestruturação produtiva da agricultura, redundando no fortalecimento do seu caráter excludente, é ratificada por Elias (2006) destacando:

A acessibilidade desigual aos equipamentos sociais e às redes de infra-estrutura entre as populações das áreas urbanas e rural,

assim como a centralização das instituições públicas e dos serviços, vêm contribuindo para a aceleração do fenômeno da urbanização. Estes se tornam ainda mais visíveis nas áreas onde a reestruturação produtiva da agropecuária concentra a propriedade da terra e diferencia as partes que compõem a região, seja nas relações de trabalho, seja na alocação de investimentos. Desse crescimento urbano predominantemente excludente, emergem diversas questões associadas à forma desigual como se dá o acesso aos benefícios trazidos pela urbanização, assim como aos conflitos e incompatibilidades de uso e ocupação do território (ELIAS, 2006, p.71).

Dessa forma, a área urbana de Balsas hoje reflete um matiz sócio-econômico, cultural e territorial engendrado nessas situações, as quais, no início da década de 1990, se apresentavam de forma muito mais contundente, em termos de ocupação da mão-de-obra, considerando-se a ausência do poder público junto ao segmento formado pela classe sócio-econômica baixa.

Assim, a reconfiguração do território balsense empreendida pela nova espacialização dos serviços e dos locais de moradia tanto da população imigrante oriunda das regiões sul, sudeste e centro-oeste, como da população formada pelos trabalhadores originários do êxodo rural do município de Balsas, bem com dos outros municípios do estado do Maranhão, promoveram alterações que são constatadas dentro da área urbana do município ora referido.

Considerações finais

Como se sabe, é fato comum nas áreas que recebem grandes investimentos externos, passarem por verdadeiros processos de metamorfose nas suas áreas rural ou urbana, ou ainda em ambas, resultante do aprofundamento das relações sócio-econômicas, sendo uma exemplificação desse fenômeno o caso das transformações sócio-culturais e espaciais urbanas de Balsas.

Dentro desse cenário estão as mudanças geradas a partir do encontro dos hábitos e tradições da cultura dos imigrantes originários das regiões sul, sudeste e centro-oeste, com os da população local que levou a certos embates iniciais, mas que, conforme o enfocado antes, passa atualmente por um processo de acomodação das aresta de ambas as partes.

Considerando, portanto, que a zona urbana de Balsas exerce a função polarizadora para realidades distintas, como aquela relativa ao suprimento das demandas originárias das atividades da agricultura comercial empresta uma feição desenvolvimentista ao espaço urbano, através do seu aparato infra-estrutural criado pelo Estado e iniciativa privada, para atender àquelas necessidades.

Cabe observar que esse território ocupado pelas atividades ligadas à agricultura comercial trouxe no seu redesenho do espaço repercussões que deram resignificação do ponto de vista do simbólico e do real para, principalmente a população tradicional lá instalada anteriormente à chegada da população imigrante.

O sul maranhense, assim inserido na economia globalizada, passa a desempenhar novas funções dentro da divisão territorial do trabalho agrícola, ampliando cada vez mais o distanciamento entre a agricultura moderna e aquela com base técnica tradicional. Referido modelo de crescimento econômico deixa visível suas seqüelas, e de maneira mais contundente, nos parâmetros sócio-cultural e espacial.

Referências

- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed: UFMG, 2007.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed da UFSC, 1999.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996
- ELIAS, Denise. **Globalização e agricultura: a região de Ribeirão Preto**. São Paulo: Edusp, 2003.
- _____. Agronegócio e Desigualdades Socioespaciais. In: ELIAS, D, PEQUENO, R. (Orgs.) **Difusão do Agronegócio e Novas Dinâmicas Socioespaciais**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.
- FERREIRA, M. da G. R. **A Dinamização da Expansão da Soja e as Novas Formas de Organização do Espaço na Região de Balsas MA**. 2008. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro.
- FREIRE FILHO, Osni de Luna. Hierarquia Urbana e Modernização da Agricultura. In: BERNARDES, J. A.; FREIRE FILHO, O. de L. (Org.) **Geografia da Soja: BR 163**. Rio de Janeiro: Ed. Arquimedes, 2006.
- HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.
- MARTINS, J de S. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MÁXIMO, F. R. C. C. A Produção da Moradia no Baixo Jaguaribe. In: ELIAS, D, PEQUENO, R. (Orgs.) **Difusão do agronegócio e novas dinâmicas Socioespaciais**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.